



Candidatos Selecionados

N.º 1 - Miguel Marquês – Prémio Bienal

Sinopse

Será a porta um portal em direção à liberdade? Como se aberta surgisse uma luz intensa que encandeia quem olha sem saber em que direção é levado. Ao atravessar a porta é possível entrar numa deriva de trilhos labirínticos como se construíssemos um mapa alternativo da cidade com cenários infinitos, sem barreiras, na possibilidade de escolher múltiplas trajetórias ou simplesmente vagar em direção do desconhecido. As cidades são espaços habitáveis por curtos períodos de tempo em movimentos constantes de entrada e saída “Num tempo em que as tecnologias avançadas e a redistribuição industrial se organizam incessantemente por meio de uma série de interrupções, como fechamento de fábricas, desemprego, trabalho temporário e atos de desaparecimento sucessivos ou simultâneos. Estes servem para organizar e depois desorganizar o ambiente urbano a ponto de provocar a irreversível decadência e degradação dos bairros (...) – o que contribuiu para a ruína de um lugar que cada habitante achou adequado...” (Virilio, 1991). A deriva pelo território urbano leva-nos ao encontro de espaços engolidos pela força da natureza, marginalizados pelo homem, pela passagem do tempo, leva-nos ao encontro de passagens proibidas, a encruzilhadas que nos fazem recuar, a caminhos alternativos traçados pela repetição da passagem do humano. Essas ruínas espalhadas pela cidade mostram a efemeridade dos espaços, tornando-se vazios, o que sobra são os restos deixados a apodrecer.



Dentro e fora, 2021

30x30cm

Nº 2 -Sebastiano Raimondo- Prémio Bienal

Sinopse

Reduce-re

Uma autobiografia da paisagem no tempo.

Nesta seleção de imagens realizadas entre 2020 e 2021 na região montuosa das Madonie em Sicília conto duma génese da paisagem e da fotografia existentes no símbolo da ilha. Os vestígios desta história comparam uma origem da palavra paisagem¹ e uma da fotografia²: a primeira na analogia entre plantar uma semente de trigo e enterrar um corpo, a segunda entre a morte de Medusa e a identificação de um lugar ameno³.

Esta pesquisa imagética iniciou com o projeto “Ter lugar, imagens de uma ideia de paisagem” (Palermo 2009) e teve uma primeira síntese por ocasião da exposição “Assuntos da paisagem a sul” (Tavira 2017). Ao longo do tempo tornou-se como um caderno pessoal que escrevo, verifico e reescrevo quando regresso à Sicília. É uma paisagem familiar como diria o Luigi Ghirri, que me permite construir um itinerário e uma casa possíveis onde regressar. Mais do que a identidade

interessam-me as pequenas diferenças entre a realidade, que eu frequentei, e o lugar criado destas imagens⁴.

O mapa das referências (à paisagem, à fotografia e à minha experiência) levou-me a outro lugar que me pertence igualmente e surpreende cada vez que o visito. É o lugar de uma biografia da paisagem e revela, como num espelho, também as minhas diferenças ao longo do tempo.

1 Cfr. G. Chiamonte, *Natura dell'immagine*, in G. Chiamonte, *Nascosto in prospettiva - scene nel paesaggio italiano*, Milano, Itaca/Ulreya, 2007, pp. 10-11.

2 Cfr. P. Dubois, *Medusa*, in P. Dubois, *L'atto fotografico*, [Bruxelles 1983], Urbino, Quattro venti, 1996, pp. 141.

3 Cfr. S. Raimondo, *Fotografare l'architettura greca - L'esperienza di Selinunte e una riflessione sul paesaggio*, in R. Denaro, M.L. Scaduto e F. Scibilia, *La sala multimediale del museo civico di Castelvetrano*, Palermo, Caracol, 2019, pp. 48 a 53.

4 Cfr. G. Batchen, *Metodo*, in G. Batchen, *Un desiderio ardente - alle origini della fotografia*, [MIT press 1997], Milano, Johan & Levi, 2014, pp. 169



Área arqueológica de Himera, 2020/21

Nº 6 - Rafael Raposo Pires – Prémio Bienal

Sinopse

There is more to Urban Limits than a Circular Road

‘There is more to Urban Limits than a Circular Road’ é um ensaio fotográfico produzido através de derivas realizadas em torno de áreas urbanas na região da Úmbria, em Itália.

Ao caminhar em direções opostas ao centro de uma cidade, vou sendo guiado por elementos que os meus sentidos reconhecem como características dos limites de uma área urbana. O interesse é focado em infraestruturas que pela sua dimensão acabam por delimitar ou caracterizar uma certa zona urbana, como vias principais, estações ferroviárias, bairros dormitório, indústrias, ou mesmo centros desportivos e parques urbanos. Desde uma solução improvisada de um ramo que suporta a rede de um campo de ténis, aos baloiços de criança com vista para a linha do metro que rasga uma paisagem verdejante, passando pela triste realidade de jazigos que se assemelham a uma repetição de casas de um subúrbio, até às escadas de livre acesso que nos levam ao interior de um prédio privado. Todas estas situações peculiares transmitem-me um certo humor e ironia.

As áreas urbanas nas periferias das cidades podem muitas vezes parecer tão monótonas quanto as estradas circulares contíguas, principalmente quando são utilizadas como locais de passagem rápida. Mas quando são observadas ao ritmo de uma caminhada, vários elementos tornam-se visíveis, exibindo uma diversidade de utilizações, formas, materialidade e fins. É essa multiplicidade de elementos aqui encontrados que me transmite um sentimento de limite urbano.



All paths lead to a square, 2021

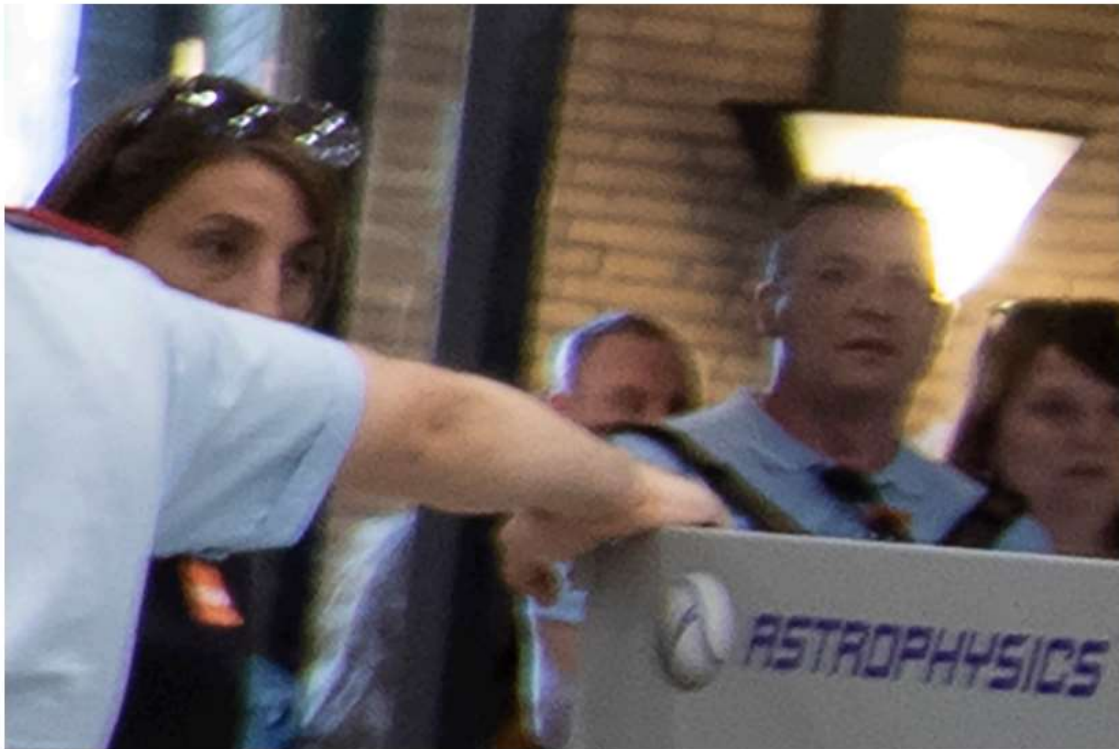
100 x 66 cm

Nº 8 - Maria Peixoto Martins – Prémio Bienal

Sinopse

Eyes On You

Num espaço que não deve ser fotografado, instintivamente, ignoro. Registo a medo. Momento de grande tensão, para mim e para quem se encontra a ser controlado. Controlado pelas figuras de seguranças, controlado pelas máquinas de raio-x, controlado pelas câmaras de vigilância e controlado por mim. Vivemos numa Era de vigília, estamos constantemente a ser observados, pelos outros e por nós próprios. Somos facilmente identificáveis. Deixámos de ser seres anónimos.



Sem Título, 2022

60 x 40 cm

Nº 14 - Joana Duarte– Prémio Bienal

Sinopse

A picture is worth a thousand lies

A picture is worth a thousand lies (Uma fotografia vale por mil mentiras) é um projeto com início em 2021 e ainda em progresso.

Estas imagens digitais são o único registo da destruição de fotografias analógicas através de processos químicos. Ao imergir a fotografia nestes químicos, esta queima-se. Este processo simula o passar do tempo, algo que a fotografia normalmente congela. No entanto, aqui as cores transformam-se e as figuras desvanecem. Estas fotografias, originalmente provenientes de um contexto familiar e ligado à infância, saem desse campo e criam outras imagens. Afastam-se da autobiografia e transformam-se em novas memórias.

Vários estudos científicos comprovam que as gerações que cresceram com fotografias de família em casa, projetam falsas memórias nessas mesmas imagens. Há memórias que só temos porque uma fotografia existe. Neste sentido, a fotografia pode revelar-se como um instrumento falacioso, que nos mente.

Se existe algo desfocado é uma memória. Sendo este processo efêmero, aquilo que sobram são imagens do estado de destruição destas imagens que foram sujeitas à sua destruição e que não existem mais.

Será apagar uma fotografia, apagar uma memória?



A picture is worth a thousand lies, 2021

Formato digital

Nº 24 - Bruno Silva – Prémio Bienal

Sinopse

Ermo

Muito tempo antes de saber o que Ermo significava, já lá brincava com amigos meus. Na verdade achei que o Ermo só existia ali: naquelas duas ou três ruas cercadas por árvores.

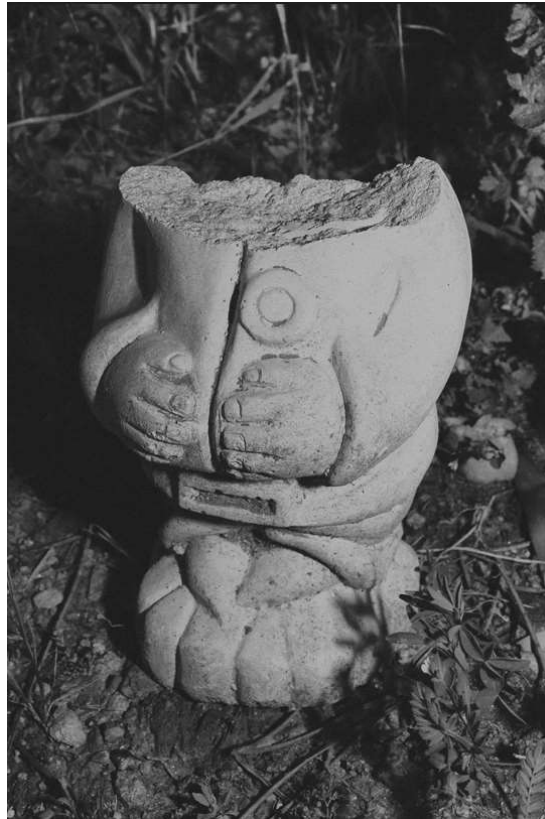
Ermo era o nome de um lugar nos arredores do Porto muito próximo de onde vivi a minha infância e adolescência. Chegou a ser uma floresta extensa e densa até ao início dos anos 70. Altura em que o urbanismo transformou essa floresta extensa em dezenas de pequenos bosques.

Foi nessa espécie de arquipélago de bosques que passei grande parte da minha infância. De dia, a luz: a aventura e a descoberta. De noite, a escuridão, o medo: o som dos animais, o cheiro a fumo das queimadas e a certeza dos fantasmas.

Num desses bosques havia uma casa onde vivia uma mulher que tinha um problema de visão - os olhos dela eram brancos mas não era cega.

Ela vivia sozinha e quando lhe perguntavam como conseguia fazer a sua rotina sem qualquer ajuda, ela sorria e respondia que havia uma mão no ombro que a guiava através das árvores. Mas isso não a assustava - o que a assustava eram as árvores.

Entre o documento e a representação, Ermo pretende ser um mapeamento sensorial de um território distante na memória. Abordando e rodeando questões entre o lar e a casa, o subúrbio e a infância, a forma e o símbolo, tentando criar um universo onírico, ambíguo e acima de tudo interpretativo. Tornando este “Ermo” que me é tão particular, no mais universal possível.



Sem título, 2022

27x18cm

Nº 31 - João Salgueiro Baptista – Prémio Bienal

Sinopse

Abismo

“Abismo, grande profundidade que se supõe insondável e tenebrosa. Fundo do mar. Lugar, geralmente escarpado, em que há uma grande depressão abrupta. Situação difícil ou perigosa. Tudo quanto excede o que de si é excessivo. Coisa ou ser misterioso ou incompreensível.”

“abismo”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021.

O abismo de estar vivo perante a noção de se estar a morrer. O abismo perante tudo aquilo que não sei, não compreendo e não se subjugava ao meu domínio. O abismo do amor. O abismo da beleza que existe até mesmo no horror e no veneno. O abismo da noite e dos dias com demasiado sol.

O Abismo é uma série fotográfica que se decompõe ao longo de dezoito imagens e se apropria do real retratado e de tudo aquilo que se pode agarrar enquanto potencial fotográfico, para exprimir uma ficção, ou talvez fantasia, que reflita sobre a condição de se viver, ou estar vivo, com um prazo de validade incerto, mas inevitável. É uma narrativa surreal que usa símbolos e a sequência de modo a sugerir uma representação do começo do mundo e do seu fim, assim como o começo da humanidade e o seu fim numa perspetiva muito alicerçada a evocações da cultura religiosa, tão profundamente vincada nas raízes do povo em que me incluo.



Abismo, 2022

18 x 24 cm

Nº 42 - Rodolfo Gil – Prémio Bienal

Sinopse

A Sede

Esta série de imagens decorre de saídas de campo regulares, realizadas entre 2020 e 2022, tendo o estuário do rio Tejo como local de investigação.

Independentemente dos meses e das estações do ano, são evidentes, neste território, os crescentes sinais de aridez e de transformação de uma paisagem, outrora húmida, praticamente ao longo de todo o ano.

A escassez de água, e as alterações na aparência e vegetação das margens do rio, são manifestadas, neste trabalho, como vestígios daquilo que já existe e de um futuro por vir. Este ecossistema não é aqui representado de uma forma unicamente documental, importando sobretudo a dimensão psicológica, crítica e simbólica da relação entre Tempo, Homem e Natureza, no fluxo das alterações climáticas e consequente transformação dos ecossistemas presentes no antropoceno.

Esta crise, esta “sede da terra”, cuja parte mais visível será a ecológica, revela também uma profunda tensão epistemológica e ontológica, que denota afastamento de uma conceção da vida na terra como um todo indivisível e indissociável, no qual todas as partes estão ligadas, dependendo absolutamente umas das outras.



A sede, 2022

60x40 cm

Nº 58 - Rodrigo Vargas – Prémio Bienal

Sinopse

Delta

Um delta é um terreno situado entre dois braços de um rio, junto à sua foz, devido à acumulação de sedimentos.

O Ribatejo situa-se no centro do território de Portugal continental nas margens do rio Tejo terminando às portas de Lisboa.

O delta do Tejo contém os solos mais férteis do país, que permitem uma grande variedade de culturas e pastagens, onde se criam cavalos e gado bovino.

É uma região forte em tradição, as suas gentes mantêm-se fiéis a costumes e celebrações, hoje em dia bastante pouco consensuais, nomeadamente na sua ainda forte ligação à tauromaquia, pela qual uma boa parte dos habitantes lutam, com orgulho, para preservação da mesma. O Ribatejo é ainda o local das minhas origens, dos meus pais, dos meus avós. Zona rica em tradições que, mesmo fazendo fronteira com Lisboa, ainda nos transporta, de forma quase nostálgica, para outros tempos, outras vidas.



Delta #1, janeiro 2022

3500x3500

Nº 48 - Rafael Antunes – Prémio Tauromaquia

Sinopse

Penetrando numa manifestação cultural Portuguesa, cuja referência escrita conhecida mais antiga data de 1258, e que hoje é alvo de críticas e tentativas de extinção por parte de alguns partidos políticos e organizações defensoras dos direitos dos animais, este corpo de trabalho propõe uma reflexão sobre a necessidade, ou não, de transmutações nos universos simbólicos do Património Cultural Imaterial – neste caso concreto a Tourada à Portuguesa – alicerçados em memórias coletivas enraizadas ao longo de séculos.

Nesta série de retratos, convoco o rosto como definidor de um espaço de ação imagética e emotiva, que apela à contemplação do observador, propondo-lhe a sua própria construção narrativa.

(Todos os retratos foram realizados o mais depressa possível após a pega de caras.)



Sem Título, 2019

100 x 100 cm

Nº 53 - Stefano Martini – Prémio Concelho

Sinopse

Linha

“A circulação urbana [...] é elemento fundamental das cidades no sentido sociológico, ao passo que é tida como condição necessária para que os indivíduos acessem seus parceiros de interação social. Ou seja, a mobilidade urbana é responsável direta pela concretização da sociabilidade e, conseqüentemente, da própria sociedade. Sob tal perspectiva, a mobilidade deve ser encarada como o coração da cidade; é aquela que permite a transitoriedade; que faz dos cidadãos indivíduos capazes de interagirem uns com os outros, garantindo a divisão do trabalho, a heterogeneidade, os vínculos sólidos, a fluidez e fugacidade da maioria dos laços sociais que os indivíduos mantêm.”

Oswaldo Assis Rocha Neto

Mobilidade urbana Dissertação Mestrado em Sociologia Brasília: UNB, 2012

No ano de 1856, em 28 de outubro foi inaugurado o primeiro trecho ferroviário de Portugal entre Lisboa e o Carregado, na Linha do Leste, que hoje é denominada Linha do Norte, considerada a mais importante do sistema ferroviário português, possibilitou o começo de um novo período no desenvolvimento da região. Já próximo do final do século a industrialização desenvolveu-se em torno deste caminho de ferro, atraindo diversos tipos de fábricas ao longo dos tempos, repercutindo num crescimento demográfico constante e gradual no concelho de Vila Franca de Xira.

A linha segue junto ao Tejo, na direção nordeste, percorrendo e assistindo regiões intensamente habitadas da Área Metropolitana de Lisboa, passando por diversas paisagens e atravessando 5 estações ferroviárias do concelho de Vila Franca de Xira: Póvoa, Alverca, Alhandra, Vila Franca de Xira e Castanheira do Ribatejo. Nesse percurso histórico e importante para o país, investiguei e desenvolvi este projeto.

A história do caminho de ferro em Portugal possui extrema relevância para a evolução do país, em função do desenvolvimento das vias de comunicação através do sistema ferroviário, a começar da metade do século XIX.

Ao longo desses 165 anos a ferrovia modificou significativamente a mobilidade de pessoas, serviços e produtos. As paisagens e a urbanização foram transformadas através da construção de linhas, estações, viadutos e comboios, possibilitando a descoberta de novos horizontes para novas oportunidades, trazendo o distante para perto.

“Em realidade, a paisagem compreende dois elementos:

Os objetos naturais, que não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele.

Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano do passado, como no presente.

A paisagem não tem nada de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e a paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.”

Milton Santos

Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982.



Sem título, 2022

30x45 cm